

BANDEIRANTES

Constitui um dos grandes temas da História do Brasil a "expansão territorial", onde os historiadores procuram analisar de que maneira a colonização portuguesa ocupou toda esta imensa área que forma hoje o nosso país, partindo de uma faixa litorânea apenas, que coube a Portugal no Tratado de Tordesilhas. Destacam-se como fatores importantes nessa expansão geográfica, as entradas e as bandeiras, a criação de gado e as missões jesuíticas.

Segundo Basílio de Magalhães, as "entradas" constituem o ciclo oficial da expansão geográfica operada quase toda dentro do Tratado de Tordesilhas, nas tentativas de descobrimento de riquezas minerais e de conquista da terra aos selvagens, ciclo esse que teve por teatro a zona litorânea e, por época a que se estende de 1504 a 1696; as "bandeiras" são o ciclo espontâneo da expansão geográfica realizada quase toda além da linha de Tordesilhas, o qual teve por cenário o interior, desbravando-o, revelando-lhe as portentosas opulências e, finalmente, ocupando-o, no espaço de tempo que vem de meados do século XVI até o fim do XVII.

A primeira entrada de que há notícia, deu-se em 1504, ano em que Vespúcio, acompanhado de uns 30 homens penetrou umas 40 léguas pelo sertão de Cabo Frio. As primeiras expedições lusitanas, na fase inicial de nossa história, em demanda do interior, com o fito de descobrimento de minas ou com outro intuito, deveram-se a armada de Martim Afonso de Souza e foram em número de 3. A primeira, em 1531, explorou o sertão do Rio de Janeiro, atingindo talvez as Minas. A segunda, no mesmo ano, embrenhou-se pelo sertão paulista. A terceira, ainda em 1531, explorou o Rio da Prata. As várias entradas que, destinadas a procura de riquezas minerais não as revelaram, devassaram uma certa porção da zona costeira dentro da linha de Tordesilhas, no período que vai desde o governo de Tomé de Souza até a fundação da Colônia do Sacramento e podem agrupar-se em quatro ciclos regionais: baiano, sergipano, cearense e espírito-santense.

As bandeiras constituíram fator essencial na expansão interior; predadoras de índios e prospectoras de metais e pedras preciosas, abriram caminhos, exploraram a terra e repeliram as vanguardas da colonização espanhola concorrente. Foram as bandeiras realizadas principalmente pelos homens do sul, habitantes de São Paulo.

No primeiro século da colonização, o esforço do governo português se concentrara na indústria açucareira que se desenvolveu rapidamente. Formou-se então, um sistema econômico de alta produtividade, em expansão na faixa litorânea do Nordeste Brasileiro, que teria necessariamente de acarretar consequências diretas e indiretas para as demais regiões. Assim a captura e o comércio de índios, vieram a constituir a primeira atividade econômica estável dos grupos de população não dedicados a indústria açucareira. Foi o caso de São Vicente, onde havia falhado a produção de açúcar. Em São Vicente, a primeira atividade comercial a que se dedicaram os colonos, foi a caça ao índio. Dessa forma, voltaram-se para o interior e transformaram-se em sertanistas, profissionais; penetraram a fundo nas terras americanas, caçando o indígena que seria empregado como braço na própria região sul ou vendido ao nordeste açucareiro.

A região de São Paulo, é geograficamente uma região de transição entre as altas serranias do Centro (Minas Gerais) e os campos do Sul. Forma um patamar entre aqueles altos territórios e o litoral; deste último, até aquele centro elevado, ascende-se para dois degraus sucessivos: a Serra do Mar e a Mantiqueira. Os grandes rios procuram o interior e a depressão central do continente. Estas circunstâncias geográficas fazem de São Paulo o centro natural de vasta área,

ponto de contato e articulação de várias regiões.

Os paulistas, favorecidos por essa feição geográfica, foram impelidos pela necessidade econômica, já no primeiro século da colonização, a penetrar os sertões. Enquanto a população do nordeste, fixada pela indústria açucareira, era sedentária, integrada nos grandes latifúndios, a gente de São Paulo era mais móvel, penetrando o sertão em busca do ouro, pedras preciosas e de escravos indígenas. Os estudos feitos sobre os costumes bandeirantes, retratam um povo rústico e pobre, especialmente até 1650.

Houve dois focos iniciais de irradiação paulista: São Vicente e São Paulo de Piratininga. Este gerou três outros: Taubaté, Itu e Sorocaba. Serviam-se os paulistas do curso dos grandes rios ou dos caminhos terrestres. Pelo vale do Paraíba, galgaram a Mantiqueira e alcançaram as cabeceiras do Rio das Velhas e do São Francisco. Esses rios, correndo na direção do Norte, os levaram ao recôndito do sertão baiano. Da bacia do São Francisco, passaram para a bacia do Rio Doce e para a do Jequitinhonha. Descendo o Tietê, encontraram-se no Paraná, que subiram até a Foz do Rio Grande, por onde alcançaram o âmago do sertão ocidental de Minas. Ou então, prosseguindo pelo Paraná acima, entraram no Paranaíba e por esse rio chegavam ao território do Triângulo Mineiro. Ainda pelo Paranaíba, através dos seus afluentes da margem ocidental, chegaram ao recesso do planalto goiano. Da bacia do Paranaíba passaram para a do São Francisco e para a do Amazonas, através do Tocantins e do Araguaia. Ainda pelo Tietê, entrando no Paraná, através dos afluentes da margem ocidental - o Pardo, o Iguatemi e outros, penetraram os campos compreendidos entre o Paraná e as serras de Amambai e Maracaju. Galgando os contrafortes dessa serra, penetraram a bacia do Paraguai, através do Taquari e do São Lourenço que os levaram até o Cuiabá e o planalto Mato-Grossense. Daí desceram pelo Araguaia, pelo Tapajós e pelo Madeira, até o vale Amazônico. As vias terrestres foram empregadas principalmente na conquista dos campos do planalto paranaense e catarinense.

Estes homens que se embrenhavam pelos sertões, levaram à frente uma bandeira. Vestiam camisa, calças e gibão. Calçavam sapatos grosseiros e usavam um colete de couro acolchoado por dentro, que os defendia das flechas indígenas. Eram armados com arcabuz de pederneiras, espada e munição de pólvora. O trabalho na bandeira, era de cunho eminentemente militarizado; o caráter bélico da conquista exigia disciplina autoritária. O chefe bandeirante não trepidava em castigar implacavelmente os que transgrediam as regras de obediência e submissão. "Era a lei do sertão. E o sertão definia o tipo do conquistador".

Em suas várias incursões, entravam os bandeirantes em disputas com os jesuítas, na medida em que se dirigiam à caça do índio. Assim, por exemplo, a bandeira de Antônio Raposo Tavares, que se dirigiu contra as Reduções jesuíticas do Guaíra, no início de 1629, destruiu inúmeras Reduções, aprisionou índios, expulsou os jesuítas e arrasou burgos castelhanos. Outras bandeiras, nos anos seguintes, completaram a destruição de Guaíra, apossando-se da terra que foi incorporada ao Brasil. Em 1639 partia nova e importante bandeira, tendo à frente Fernão Dias Paes, o futuro "caçador de esmeraldas". Até 1641 foi conquistada a região do Tape e também a do Uruguai onde os paulistas apoderaram-se de todas as Reduções. Depois da segunda metade do século XVII, declinou o bandeirismo de apresamento; deixaram de existir as grandes expedições organizadas para o ataque às Reduções. Se de um lado essas expedições eram devastadoras, pilhando os povoados e as missões dos jesuítas, de outro, faziam cada dia recuar para mais longe as fronteiras das possessões portuguesas na América, impelidas para além dos limites determinados por Tratados.

Depois do período de apossamento intensivo, que alguns consideraram como um "ciclo" continuaram as bandeiras em busca de riquezas; entre essas expedições pesquisadoras de minerais preciosos, destaca-se a de Fernão Dias Paes. Partiu de São Paulo em 1674 a cata de prata e esmeraldas, explorando

durante 7 anos, grande área na região centro-sul do Brasil (região do Rio das Velhas), acompanhava-o seu genro Manuel de Borba Gato. Morreu ferrão Dias Paes, persuadido de que havia descoberto esmeraldas. Na região por ele explorada, sem achar riquezas verdadeiras, seria depois descoberto ouro por outros paulistas.

Com o descobrimento de ouro em Sabará, no Ribeirão do Carmo, em Itaverava, em Catagüeses, no Rio das Mortes, e em outras localidades, processou-se durante a primeira década do século XVIII a descoberta de quase todo o interior de Minas Gerais. Desenvolveram-se a mineração e o povoamento da região. Continuou a exploração dos paulistas na direção de Mato Grosso e Goiás. Foram expedições exploradoras de ouro na região das minas, entre outras, a de Antônio Rodrigues Arzão (1693) e de Bartolomeu Bueno da Siqueira (1694); em Mato Grosso, a de Antônio Pires de Campos (1716 aproximadamente) e de Pascoal Moreira Cabral Leme (1718); no sertão goiano a de Bartolomeu Bueno da Silva - o segundo Anhangüera - que partindo de São Paulo em 1722, localizou em 1725 o precioso metal.

Não faltaram ao episódio das bandeiras, lutas e violências de São Paulo e Taubaté; depois, as hostilidades agravaram-se quando forasteiros do litoral e de outras regiões brasileiras (principalmente Bahia), e também portugueses, buscaram a região dos tesouros. Aos forasteiros que vinham para suas terras os paulistas chamavam "emboabas". Dentro de pouco tempo, estavam os forasteiros, em grande maioria disputando com paulistas a posse das Minas. Emboabas e paulistas tornaram-se inimigos irreconciliáveis. Logo depois, desencadeou-se a luta que se estendeu no período de 1708/1709, na qual Manuel Nunes Viana chefiava os emboabas contra os paulistas. Os novos rumos tomados pelos paulistas em direção a Mato Grosso e Goiás, abandonando a região das Minas, são em geral, explicados pelos reveses sofridos por esses bandeirantes durante a chamada "guerra dos emboabas".

Com uma ação mais desbravadora que povoadora, tiveram as bandeiras grande importância na expansão geográfica do Brasil. Na busca do índio e na pesquisa de pedras e metais preciosos, conquistaram terras muito além do Tordesilhas, abasteceram de braços indígenas a agricultura do sul e do norte, descobriram ouro, abriram caminhos para povoamento de Minas, Mato Grosso e Goiás e para a ocupação efetiva do Paraná e Rio Grande do Sul. Delinearam, desde o século XVII, o mapa do Brasil contemporâneo.

Encontram-se os feitos dos bandeirantes imortalizados em grandes obras da literatura brasileira, entre as quais destacam-se ainda no século XVIII, o "Uruguay" de Basílio da Gama e o poema "Vila Rica" do inconfindente Cláudio Manoel da Costa.